

Caixa Empresas

Esta revista faz parte integrante
do Diário Económico nº 4905
de 28 de Maio de 2010.



PME INVESTE V Um caminho para o desenvolvimento





Oferta Internacional

PRONTO PARA EXPANDIR O SEU NEGÓCIO INTERNACIONAL? NÓS ESTAMOS. APOIAMOS OS SEUS NEGÓCIOS NO ESTRANGEIRO.

Em mercados emergentes ou em economias mais desenvolvidas, a Caixa é o parceiro das empresas que já têm sucesso em Portugal e o querem alargar ao resto do mundo.

Colocamos à disposição das empresas:

- Uma rede internacional com presença em 23 países de 4 continentes
- O conhecimento local e soluções específicas em países-chave para as empresas portuguesas:
 - Europa: Espanha, França, Luxemburgo, Reino Unido, Alemanha, Bélgica e Suíça
 - África Lusófona: Angola, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe
 - África do Sul e Guiné Equatorial
 - Norte de África: Marrocos, Argélia, Tunísia e Líbia
 - América: Brasil, Venezuela e México
 - Extremo Oriente: China / Macau, Índia e Timor Leste
 - Rússia e Europa Central e Oriental
- Acompanhamento por Gestores do Grupo Caixa
- Produtos e serviços de suporte à internacionalização, incluindo linhas de apoio à exportação

Informe-se numa Agência ou Gabinete Caixa Empresas.

www.cgd.pt/empresas

e-mail: CGDIternacional@cgd.pt

707 24 24 77

8:00h às 22:00h / todos os dias do ano

Pág. 4 e 5

| ENQUADRAMENTO

LINHAS PME INVESTE:
FINANCIAR O FUTURO

Pág. 6 e 7

| ENTREVISTA

FRANCISCO BANDEIRA:
VICE-PRESIDENTE DO GRUPO CAIXA

Pág. 8

| COACHING/ACADEMIA

COMPROMETIDOS COM O ÊXITO

Pág. 9

| ECONOMIA REAL

RIBERMOLD: MOLDES DE ALTA PRECISÃO

Pág. 10

| TRABALHAR EM REDE

COSEC: PARCERIA PELO FINANCIAMENTO

Pág. 11

| SUSTENTABILIDADE

CAIXA: PRODUÇÃO DE ENERGIA

Pág. 12 e 13

| CASE-STUDY

BIOFUN: CONCENTRADO DE QUALIDADE

Pág. 14

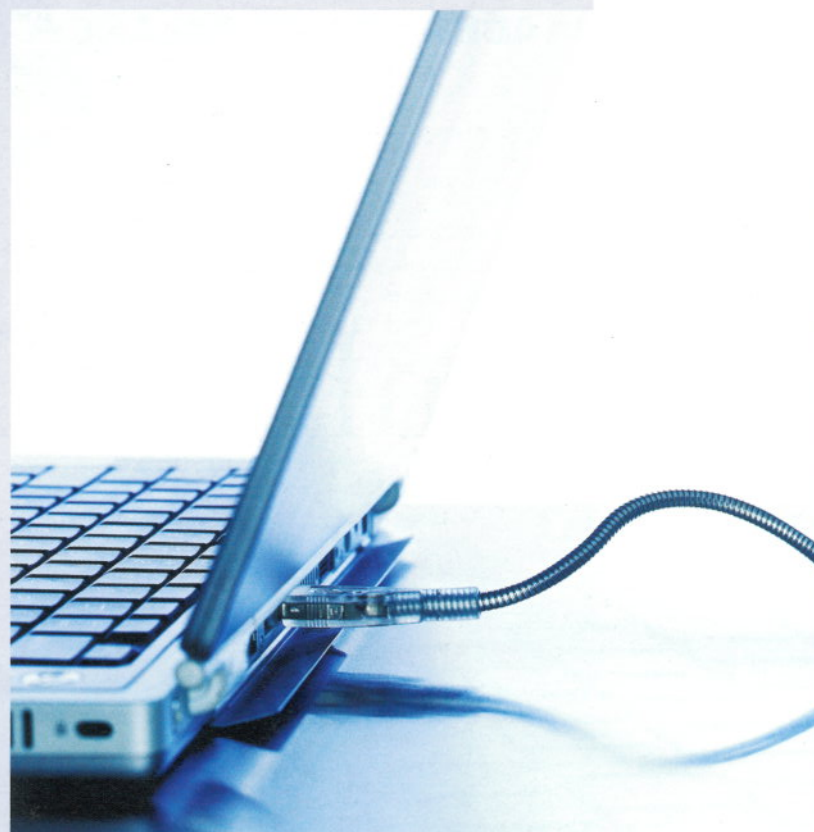
| MERCADO INTERNACIONAL

ANGOLA: DESTINO DE INVESTIMENTO

Pág. 15

| AGENDA

EVENTOS DE JUNHO E JULHO



Linhas PME Investe: financiar

Linhas PME Investe	N.º Operações	Valor M€	Linhas a manter	Nível de execução
PME Investe I	1 186	753		≥ 100%
PME Investe II	3 156	751		74,4%
• Geral	1 825	537	Sim	71,5%
• Comércio	1 135	190	Algarve	95,2%
• Restauração	196	24	Sim	40,7%
PME Investe III	23 137	1 687,4		≥ 100%
• Exportadores	1 046	625		≥ 100%
• Micro e Peq. Empresas	21 632	675		≥ 100%
• Automóvel	63	73	Sim	36,4%
• Turismo	127	182	Sim	55,3%
• Tur. Hab. Espaço Rural	15	2	Sim	20,0%
• Apoio Tesouraria Turismo	254	130	Sim	86,8%
PME Investe IV	26 666	1 960		≥ 100%
• Exportadores	2 477	1 206		≥ 100%
• Micro e Peq. Empresas	24 189	754		≥ 100%
TOTAL	54 145	5 151		≥ 100%
PME Investe V*				
• Outras Empresas			Sim	
• Micro e Peq empresas			Sim	

* em execução recente; ≥ maior ou igual; Fonte: IAPMEI

Ideal para internacionalizar

Constituída em 2001 por via de um *spin-off* do INETI, a Vision-Box, S.A. desenvolve a sua actividade no domínio das tecnologias de informação aplicadas à segurança electrónica. Da Europa do Norte à América do Sul, as soluções da empresa são hoje utilizadas por mais de três milhões de pessoas em todo o mundo, no dia-a-dia dos passageiros que circulam nos mais importantes aeroportos internacionais.

A possibilidade de acesso a uma linha de crédito (PME Investe IV) com condições imbatíveis no mercado, orientada especificamente para apoio às exportações, seduziu a Vision-Box, que teve na CGD o parceiro certo para se candidatar ao financiamento. "Felizmente a CGD já nos conhece o suficiente e, na realidade, preparou todo o processo. A empresa não teve que praticamente investir quaisquer recursos nos procedimentos associados quer à preparação do processo quer à submissão e acompanhamento da candidatura", salienta Bento Correia, presidente da Vision-Box. Adianta ainda que "esta proposta de investimento (PME Investe) permite encarar as perspectivas de internacionalização e exportação das soluções Vision-Box de forma completamente diferente, quer em termos de risco, quer em termos de capacidade de resposta da empresa".

Concebidas para vários países, têm sido a chave de um acesso mais facilitado ao crédito por parte das PME. Em Portugal, já vão na quinta edição. Saiba como funciona toda a arquitetura das Linhas PME Investe.

A percepção de que as Pequenas e Médias Empresas (PME) são o motor da economia europeia, e o impacto que estas sofreram com a crise do *subprime*, levaram a União Europeia a redigir, em Junho de 2008, o SBA – Small Business Act, um documento que defende o princípio do *Think Small First* (pensar primeiro em pequena escala), ou seja, que dá prioridade no apoio urgente às PME.

No seguimento desta estratégia transnacional, o Governo português – através dos vários organismos que tutela e recorrendo aos instrumentos financeiros disponibilizados pela União Europeia – e as diversas instituições bancárias articularam-se no sentido de serem criadas condições favoráveis ao ambiente de negócios das PME. O veículo escolhido foi o de facilitar o acesso ao crédito ban-

cário, nomeadamente através da bonificação de taxas de juro e da redução do risco das operações bancárias.

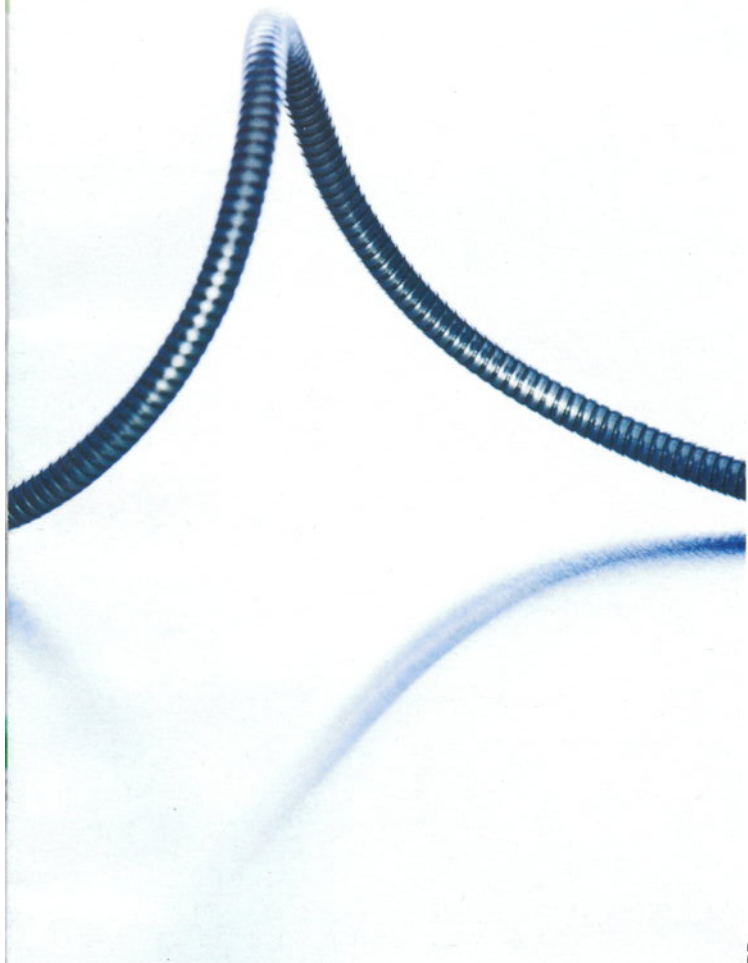
Com este objectivo, desde Julho de 2008 foram instituídas as Linhas de Crédito PME Investe. Ao todo, as PME já dispuseram de cinco linhas de crédito, num total de 4 500 milhões de euros. As PME Investe dividem-se em linhas gerais e linhas específicas (comércio, restauração, automóvel, turismo, empresas exportadoras e micro e pequenas empresas), tendo estas últimas representado 56 por cento do total das verbas disponibilizadas.

Mais recentemente, foi colocada à disposição das PME uma nova oportunidade para relançarem os seus negócios. A quinta e última linha (PME Investe V), lançada já este ano, reserva 750 milhões de euros (extensível até dois mil milhões de euros) às micro e PME. A grande novidade relativamente às linhas anteriores é a possibilidade das empresas com dívidas à Segurança Social ou Administração Fiscal poderem ser suas beneficiárias, desde que as operações de financiamento fiquem condicionadas à regularização das dívidas mencionadas (ver caixa na página ao lado).

O papel do Estado

No suporte à concessão de condições de crédito favoráveis (assegurando, junto dos bancos, a diferença entre o juro normal e o juro bonifi-

o futuro



cado, aquele que vai ser praticado), estas linhas têm tido duas grandes fontes de financiamento: a União Europeia (através de diversos quadros comunitários de apoio) e o Orçamento Geral do Estado.

O apoio estatal é prestado por duas vias: os orçamentos específicos de diversas instituições – como, por exemplo, o Turismo de Portugal ou o IEF – e as bonificações e garantias associadas ao financiamento (bonificação das taxas de juro, bonificação integral das comissões de garantia e dotação do Fundo de Contragarantia Mútua (FCGM), que cobre entre 80 e 90 por cento de uma primeira garantia, assegurada por uma Sociedade de Garantia Mútua).

Toda esta arquitectura permite às PME, na prática, obter uma taxa de juro bonificada (mais baixa), a dupla garantia do crédito que lhes é concedido e a isenção de comissão de garantia.

Os Bancos, as Sociedades de Garantia Mútua (SGM) e a entidade gestora da linha de crédito, a PME Investimentos, coordenam todo o processo. Aos bancos devem chegar as candidaturas ao financiamento, sendo definidos (conforme protocolo) a admissibilidade à linha de financiamento e a taxa de juro a aplicar. Já as SGM definem o tipo de garantia a aplicar. Quanto à entidade gestora da linha de crédito, cabe-lhe a última e decisiva palavra sobre a operação.


Mais de 50 mil operações

Luís Filipe Costa, o presidente do IAPMEI – organismo ao qual compete indicar a presidência da PME Investimentos –, resume, assim, o espírito das PME Investe: “As Linhas PME Investe visam fundamentalmente facilitar o acesso das PME a financiamento bancário, num contexto de agravamento das condições de acesso a este crédito, decorrente da crise financeira internacional, em que assumem relevo as dificuldades da própria Banca mas também a deterioração da situação económica e financeira das empresas e consequentemente o aumento do nível de risco.”

Sobre os encargos para o Estado, o presidente do IAPMEI sublinha: “De notar que apenas os montantes das bonificações de juros e das comissões de garantia são recursos que beneficiam as empresas e não são recuperáveis pelo Estado, uma vez que as dotações do FCGM só são perdidas na medida dos incumprimentos, sendo um Fundo autosustentado em situações normais de mercado e com elevado grau de alavancagem.”

Com três linhas ainda abertas (as PME Investe II, III e V), no total foram apresentadas mais de 67 500 operações de financiamento, das quais 54 145 conseguiram já enquadramento (no valor de 5 151 milhões de euros). De referir, contudo, que a linha PME Investe V ainda não entra nestas contas por ter sido lançada muito recentemente (ver tabela acima).

Ainda sobre o contexto nacional, Fernando Augusto Morais, presidente da Associação Nacional das PME (ANPME), considera que o impacto destes apoios ainda se mantém aquém dos objectivos e explica que muitas das PME “não reúnem as condições de acesso ao crédito, faltando-lhes autonomia financeira e situação contributiva regularizada perante o Fisco e a Segurança Social”. Augusto Morais assinala ainda os efeitos da carga fiscal que poderia contribuir para que estes programas tivessem no nosso País o “sucesso que estão a ter noutros países, como a Alemanha, França, Reino Unido, Holanda, Luxemburgo, Bélgica, entre outros”.

Já para Francisco Maria Balsemão, presidente da Associação nacional dos Jovens Empresários (ANJE), o balanço dos programas PME Investe é “satisfatório”, uma vez que estes “têm ajudado a minorar as actuais dificuldades das empresas no acesso ao financiamento bancário”. O dirigente máximo da ANJE considera que esta iniciativa “veio aliviar um pouco o horizonte nebuloso com que se deparam, actualmente, os empresários”, designadamente os das PME, “que são aquelas empresas que apresentam um *rating* menos favorável, logo, um poder negocial bastante reduzido em processos de concessão de crédito”. 

PME Investe V: a nova oportunidade

As Pequenas e Médias Empresas (PME) têm ao seu dispor uma nova oportunidade para relançarem os seus negócios. A PME Investe V reserva 750 milhões de euros (extensível até 2 mil milhões de euros) para distribuir pelas Micro e PME que cumpram os indicadores económico-financeiros definidos para os escalões de enquadramento.

Ao contrário das anteriores Linhas PME Investe, as empresas com dívidas à Segurança Social ou Administração Fiscal também podem ser beneficiárias desta Linha, desde que as operações de financiamento fiquem condicionadas à regularização das dívidas mencionadas (através de financiamentos intercalares e antecipados que não podem ultrapassar 30% do total do crédito a conceder pela PME Investe V). Ainda em comparação com a PME Investe IV, alarga-se o prazo máximo (de 36 para 48 meses no caso da Linha Específica Micro e Pequenas Empresas e de 60 para 72 meses na Linha Geral) e diminui-se o período de carência (de 12 para 6 meses na Linha Específica e de 24 para 12 meses na Linha Geral). A PME Investe V visa o investimento novo em activos fixos corpóreos ou incorpóreos e o reforço do fundo de maneiço ou dos capitais permanentes (além do limite de 30% para liquidar dívidas à Segurança Social e Finanças) por empresas isentas de incidentes não justificados, ou incumprimentos junto da Banca e que não estejam em classe de rejeição de risco de crédito.

PME Investe V: as duas linhas

A CGD oferece-lhe a oportunidade de aceder à PME Investe V com duas linhas concretas de financiamento: a Linha Geral e a Linha Específica Micro e Pequenas Empresas.

A Linha Geral – num total de 500 milhões de euros, extensível até 1 400 milhões – destina-se exclusivamente às PME e tem como tecto de financiamento, por empresa, um milhão de euros (1,5 no caso das PME Líder). As operações têm um prazo de seis anos, o desembolso é realizado até seis meses após a data de contratação das operações (num máximo de três utilizações) e a amortização é concretizada através de prestações constantes, iguais, trimestrais e postecipadas.

A Linha Específica Micro e Pequenas Empresas – dotada com 250 milhões de euros, extensível até 600 milhões – dirige-se a todas as empresas com esta classificação (volume de vendas inferior a 10 milhões de euros) e tem como limite de crédito por operação 25 mil euros (Micro Empresa) e 50 mil euros (Pequena Empresa). O prazo dos empréstimos é de quatro anos, a verba será disponibilizada de uma só vez até 30 dias após a contratação e a amortização segue as mesmas regras da Linha Geral.

Visite www.cgd.pt/empresas ou um Gabinete Caixa Empresas.

“O crescimento das PME passa pela aposta na internacionalização”

|De que modo a CGD se afirma como o Banco das Melhores PME?

A Caixa tem uma longa experiência no acompanhamento das PME através de uma rede dedicada de Gabinetes Caixa Empresas. Uma equipa de 140 gestores de cliente segue de perto a actividade das empresas que acompanha, indo ao encontro dos seus diferentes tipos de necessidades – apoios pontuais de tesouraria, financiamento a investimento simples, serviços bancários, ou operações mais complexas na área da banca de investimento. Mais recentemente, alargamos este *know-how* à rede de Agências através do serviço Caixa Empresas. Actualmente, já com 196 gestores, aqui visamos aplicar as melhores práticas no relacionamento com este segmento a um universo de empresas com menor facturação, quer pela dimensão – pequenos negócios ou negócios em nome individual –, quer por se encontrarem em início de actividade.

Ao abrigo das linhas PME Investe, a Caixa já concedeu apoios às pequenas e médias empresas num valor superior a MIL MILHÕES DE EUROS.

A esta rede, em Portugal, somamos a nossa vasta presença internacional. Uma outra forma de acompanhar as melhores PME, as que se aventuram noutros mercados. Por isso estamos em 23 países, 75 por cento dos destinos de exportação das empresas nacionais.

|E os produtos financeiros?

O Grupo Caixa oferece uma ampla oferta de produtos e serviços adaptados à especificidade e ao sector de cada PME. Além dos produtos e serviços tradicionais – desconto comercial, contas correntes, cartões de crédito, garantias bancárias, *leasing*, *factoring*, seguros, entre outros –, este é um mercado em que as soluções *taylor made* são fundamentais. Por exemplo, no caso das coberturas de taxas de juro ou de risco cambial. Isto só é possível se, além dos produtos e serviços, existir alguém que entenda as empresas. Daí a importância de uma rede de especialistas, que perceba cada empresa, os seus

produtos, clientes, fornecedores, a sua estratégia e objectivos, assim como os seus gestores.

Esta oferta conta com os contributos das diferentes unidades do Grupo, ao nível doméstico e internacional, mas também beneficia de parceiros institucionais como o IAPMEI, o Turismo de Portugal, as Sociedades de Garantias Mútuas – de que destacamos a iniciativa PME Líder e PME Excelência (beneficiárias de oferta específica, com redução de *spreads* e comissões em operações de crédito e condições especiais de remuneração de excedentes de tesouraria) e, ainda, as linhas PME Investe. Destacamos igualmente as parcerias com bancos supra nacionais, como o BEI (linhas contratadas em valor superior a 250 milhões de euros), o BERD, o IFC, o KFW e o CEB, com que são contratadas linhas especiais, com custos de *funding*, e outros instrumentos vantajosos no apoio às PME. Por exemplo, no caso do BERD, destacamos o Trade Facilitation Program,

para o apoio às empresas portuguesas exportadoras em mercados de risco mais elevado, como em países da Europa Central, Oriental e Ásia Central. Estes apoios dirigem-se a operações bancárias ligadas ao comércio externo, assu-

mindando o BERD o risco político e de crédito comercial no lugar das empresas.

|Quais as mais-valias do serviço e da oferta CGD num contexto de maior dificuldade económica?

A Caixa tem a missão de contribuir para o desenvolvimento da Economia, para o reforço da competitividade empresarial e para a estabilidade do sistema financeiro nacional. As empresas reconhecem-nos este papel, em particular num contexto de maior dificuldade económica. A nossa postura de parceria faz-se por isso sentir nos bons e maus momentos, mantendo ou reforçando apoios financeiros que permitam às empresas, com viabilidade económica, ultrapassar dificuldades conjunturais. Um bom exemplo é a participação da Caixa nas linhas de crédito PME Investe, criadas para dotar as empresas de meios para ultrapassar esta fase de maiores dificuldades económicas. O mesmo se

passa com os protocolos de apoio às Regiões Autónomas, destacando-se a Linha de Apoio à Recuperação Empresarial da Madeira, para minimizar os prejuízos das PME atingidas pela intempérie de Fevereiro.

|Que balanço se pode fazer desta abordagem da CGD ao mercado empresarial?

A Caixa tem vindo a reforçar o seu posicionamento como o banco das melhores PME e os números falam por si: entre final de Dezembro de 2007 e final do ano passado, o crédito às empresas não financeiras teve um aumento além de 17 por cento e o crédito às PME cresceu quase 20 por cento. A quota de mercado nas empresas passou de 14,5 por cento, em 2008, para 15,5 por cento, em 2009.






| Como avalia o potencial de recuperação do tecido empresarial nacional? Quais os sectores de actividade com maior margem de crescimento?

Acreditamos que o crescimento das PME passa forçosamente pela aposta na internacionalização. Por isso, temos apoiado – com especial atenção – as empresas exportadoras, através da oferta doméstica, via linhas de crédito e de produtos de *trade-finance* e, ainda, através de uma base local nos países de destino das exportações ou onde as empresas se instalam. Destacamos aqui as linhas concessionais de apoio à exportação portuguesa para bens de equipamento e serviços, com garantia do Estado do importador (para Marrocos, Tunísia, Cabo Verde, Angola, Moçambique, China – através do Export Import Bank of

China – e São Tomé e Príncipe), assim como os financiamentos suportados em seguros, da COSEC, que só no caso angolano se traduzem em linhas de apoio à exportação no total de mil milhões de euros e linhas de crédito específicas para apoio a projectos de infra-estruturas e obras públicas, entre outros, no total de 200 milhões.

Através da concessão de crédito, financiamento ao investimento, capital de risco e desenvolvimento, fundos de investimento e de reestruturação ou do *project finance*, apoiamos o empreendedorismo, a capitalização das empresas, a sua competitividade, as reestruturações, o associativismo, a integração em redes de produção e de distribuição ou a sua transmissão inter-geracional. Mas, os nossos principais instrumentos são... os colaboradores da Caixa.

| A Linha PME Investe V foi recentemente anunciada. Quais as mais-valias da rede CGD para a gestão e comercialização desta oferta?

A Caixa tem participado, desde o primeiro momento, nas linhas de crédito PME Investe. Ao abrigo destas linhas, a Caixa já concedeu apoios às PME num valor superior a mil milhões de euros, numa quota de mercado acima daquela que tem no segmento (15,5 por cento). Além da experiência acumulada na “comercialização” destas linhas, o Banco tem vindo a disponibilizar linhas de crédito complementar, financiando as empresas nas componentes não abrangidas pelas linhas bonificadas, em condições preferenciais. As nossas vantagens medem-se em serviço, Excelência e proximidade. Um desafio em que nos superamos todos os dias. 



Alexandre Santos, director central de Empresas Sul

Comprometidos com o êxito

O tema deste suplemento revela a importância das linhas disponibilizadas pelo Estado português para a nossa Economia. Uma Economia fragilizada precisa que as boas empresas sejam apoiadas, de forma a não se perder emprego e se continue a criar riqueza.

Como este objectivo, e uma vez que o eclodir da crise restringiu os critérios de avaliação de risco dificultando o acesso a linhas de crédito, o Estado português disponibilizou, desde o segundo semestre de 2008, cinco linhas PME Investe que ascendem globalmente a 4 500 milhões de euros e que já chegaram a mais de 31 000 empresas. Estas linhas têm o objectivo de facilitar o crédito, bonificando as taxas de juro e reduzindo o risco das operações bancárias, através do recurso ao mecanismo do Sistema Nacional de Garantia Mútua, que garante 50 por cento do capital em dívida ou até 75 por cento nas micro ou pequenas empresas. Os seus

A Caixa mantém o objectivo de liderar o SEGMENTO DAS PME, através do aumento da concessão de crédito e do envolvimento com os clientes.

efeitos são óbvios: minimização do risco para as instituições financeiras e multiplicação da sua disponibilidade de crédito. É por isso um apoio fundamental proporcionado pelo Estado e acompanhado pelas entidades bancárias – com relevo para a Caixa Geral de Depósitos.

A Caixa coloca como preocupação central o segmento das boas PME e por isso autonomizou, em 2005, este acompanhamento com duas Direcções de Empresas que têm como único objectivo acompanhar as pequenas e médias empresas, identificando as suas necessidades e oferecendo-lhes soluções financeiras adequadas. Hoje, a Caixa tem uma equipa que pensa em exclusivo nos seus clientes PME e, neste momento de crise económica, a Caixa mantém o objectivo de conquistar a liderança no segmento das boas PME, através

do crescimento na concessão de crédito e no envolvimento com os clientes.

Os clientes aperceberam-se, por isso, da vantagem de ser cliente tradicional do Banco, da importância de ter história na CGD e de criar laços fortes de relacionamento com a instituição. Com profissionais permanentemente em busca da melhor solução para os seus clientes, mais do que um fornecedor, a CGD é um verdadeiro parceiro das empresas. O esforço tem sido grande e há a assinalar que cada vez mais clientes têm preferido a Caixa e contribuído para o crescimento em crédito da Rede de Empresas da CGD, com índices anuais de 20 por cento nos últimos quatro anos. Os inquéritos realizados ao mercado atribuem à CGD a menor taxa de abandono de clientes-empresa e é o primeiro Banco a ser recomendado, pelos próprios clientes, como parceiro financeiro.

Estou convicto de que a Caixa pode ser um verdadeiro parceiro das PME, não só para divulgação e colocação das linhas PME Investe, mas também como instituição financeira para internacionalização das empresas nacionais – com uma presença consistente em 23 países. Para 2010, as prioridades máximas da CGD são o apoio ao sector exportador, o apoio às empresas e o apoio à sua capitalização.

A CGD é um Banco com 134 anos de história, que tem a sua longevidade e a sua liderança de mercado assentes em valores fortíssimos: somos um Banco transparente, rigoroso, sólido e de confiança. A segurança é uma das prioridades: somos o 34.º Banco mais seguro do mundo, temos o melhor *rating* entre os Bancos portugueses e somos a 101.ª marca bancária mais valiosa entre o sistema bancário mundial.

A liderança da Caixa, o seu *rating*, o valor da sua marca e a segurança derivam da preferência dos seus clientes, a quem se retribui com contacto personalizado, próximo e total disponibilidade – desde o gestor de cliente ao director central –, com vista a um resultado: o êxito comum.

Para aqueles que ainda não são clientes da Caixa a minha mensagem é a de que continuaremos a trabalhar para que consigamos vir a merecer a sua escolha. Não deixaremos de lutar por isso. Queremos contribuir para o êxito dos clientes. ☺

Glossário

Pequenas e Médias Empresas (PME)

São todas as empresas com menos de 250 efectivos e um volume de negócios anual inferior ou igual a 50 milhões de euros.

Garantia Mútua

A garantia mútua é um sistema privado e de cariz mutualista de apoio às micro, pequenas, e médias empresas, que se traduz, fundamentalmente, na prestação de garantias financeiras para facilitar a obtenção de crédito, em condições de preço e prazo adequadas aos seus investimentos e ciclos de actividade.

Fundo de Contragarantia Mútua

Pessoa colectiva pública que tem por objecto ressegurar as garantias prestadas pelas Sociedades de Garantia Mútua (SGM). O limite máximo ressegurado de cada garantia prestada pelas SGM participantes é de 80 por cento.

Activo Fixo Corpóreo

Integra os elementos tangíveis (móveis e imóveis) que a empresa utiliza na sua actividade operacional de forma permanente (superior a um ano). Inclui terrenos, edifícios, maquinarias, veículos, mobiliário e bens em construção.

Activo Fixo Incorpóreo

São os activos não materializados da empresa, como por exemplo o direito de *Franchising*, de patentes, licenças ou o próprio valor da marca da empresa.

Bonificação das Taxas de Juro

Apoio concedido pelo Estado que permite uma taxa de juro mais favorável a quem é concedido o crédito, o que, na prática, se traduz no facto de se pagar menos pelo dinheiro emprestado.

Moldes de alta precisão

A Ribermold concilia a gestão familiar com a tecnologia avançada, conferindo requinte às peças que concebe e fabrica. A PME Investe apetrechou a empresa com a excelência nos equipamentos.

Uma tentativa frustrada de entrada nos Estados Unidos, para trabalhar numa empresa de um cliente, mudou a vida de Alberto Ribeiro e esteve na origem do nascimento da Ribermold.

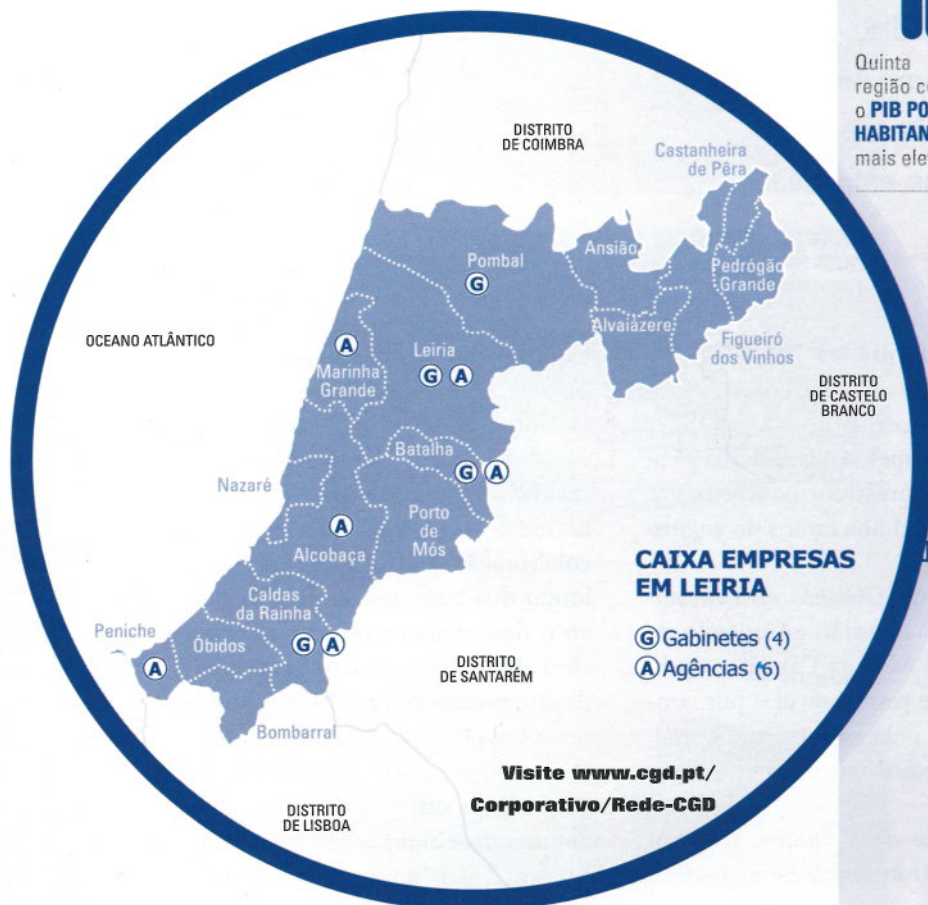
Tudo se passou em meados dos anos 80, trabalhava Alberto Ribeiro como fresador mecânico (desde os 14 anos de idade) por conta de outrém. O visto de turista era a solução para entrar num país que impunha grandes restrições à imigração. O funcionário da embaixada percebeu, contudo, a intenção e o eventual emigrante teve de fazer a viagem de volta a Portugal com a perspectiva laboral frustrada.

O horizonte de mudança que tinha sido criado e a experiência como fresador mecânico de moldes (15 anos acumulados, com o antecedente de ter feito parte da primeira turma de formação em fresadores de comando controlo numérico – CNC – em Portugal) abriram o apetite do negócio a Alberto Ribeiro. Decidiu, assim, constituir um centro de fresagem “com o objectivo de fornecer todo o tipo de fresagem para a indústria de moldes de Norte a Sul de Portugal”, recorda o agora empresário. A 1 de Março de 1987 nascia, no distrito de Leiria, a Ribermold. “Iniciei a actividade com um investimento de cinco mil contos, na compra de uma fresadora convencional, uma máquina de afiar fresas, ferramentas, prensas, e vários acessórios de apoio”, revive Alberto Ribeiro.

Um ano depois, foi necessário investir “na compra de uma erosão de penetração, para complementar a fresagem”, e foi aí que se deu o primeiro grande salto: os clientes, confiando na qualidade e capacidade da empresa em executar moldes complexos, começaram a pedir a fabricação completa (e não apenas a fresagem e erosão das zonas moldantes).

Hoje, a Ribermold é uma referência na concepção e fabrico de moldes de alta precisão para a indústria de injeção de termoplásticos e fundição injectada de alumínio e *zamac*. Colabora com os clientes no desenvolvimento dos seus produtos (protótipos, se necessário) e tem ainda um centro de ensaios com máquinas de injeção, onde os moldes são ensaiados em condições de pré-produção iguais às condições dos clientes para aprovação.

A Ribermold tem nos seus quadros 57 colaboradores, produzindo e exportando 95 por cento da



sua produção para vários países da Europa, Estados Unidos, África do Sul e Médio Oriente. Em 2009, teve um volume de negócios de quase três milhões de euros (2,752 milhões), sendo reconhecida como PME Líder pela qualidade e perfil de risco.

“Procurar sempre fazer melhor aquilo que fazemos bem” é o lema de vida de Alberto Ribeiro e da Ribermold, empresa que concilia uma faceta familiar (quatro membros da família envolvidos no negócio) e tecnológica (dispondo dos mais recentes equipamentos de medição por Video-Check CNC existentes no mercado). Os apoios da PME Investe tiveram uma importância fulcral, uma vez que viabilizaram a implementação prática do núcleo de Investigação e Desenvolvimento (I&D) e financiaram a aquisição de novos e modernos equipamentos, tecnologicamente avançados, que aumentaram a competitividade da empresa na qualidade, produtividade e redução dos prazos.

A CGD é o Banco da Ribermold desde a sua fundação. Alberto Ribeiro sublinha a importância que a Caixa teve e tem para a sua empresa nos investimentos estratégicos e nos respectivos riscos associados. “Teve um papel muito importante na divulgação e empenho para a obtenção dos apoios PME Investe, apostando e acreditando na nossa estratégia de desenvolvimento e crescimento”, salienta também o proprietário e director-geral da empresa sediada na Marinha Grande, para quem a “CGD é um dos parceiros mais importantes”.

Leiria

distrito

O concelho de Leiria está integrado na região Pinhal Litoral na organização por NUTS III – as 30 subregiões estatísticas em que se dividem os territórios dos países da União Europeia. Esta divisão é a mais utilizada para o tratamento de dados estatísticos, nomeadamente pelo INE.

15,6 mil euros



Quinta região com o PIB POR HABITANTE mais elevado.

2,273% do total nacional

Décima região do país com maior proporção de PODER DE COMPRA.

849,5 euros



Oitava região com maior RENDIMENTO MÉDIO MENSAL dos habitantes.



Em Novembro de 2009, a região de Leiria detinha 3,6% do total nacional de DESEMPREGADOS.

20 795

Taxa de analfabetismo 10,78%

Dos 18 distritos e duas regiões autónomas, o distrito de Leiria é a nona unidade territorial com menor taxa de analfabetismo.

803,351 mil milhões de euros

Sexta região (entre 30) com mais EXPORTAÇÕES, em 2009.

0,32%

Vigésima terceira região do País que, proporcionalmente, mais exportou BENS DE ALTA TECNOLOGIA.



27,9%

A maior fatia da população activa da região dedica-se às INDÚSTRIAS TRANSFORMADORAS.

Fontes: INE, IEFP e CGD.

Infografia: Infografia@economico.pt

Parceria pelo financiamento

A CGD garante parceria financeira. A COSEC assegura a garantia para o crédito. Uma parceria com o mesmo fim: fomentar as exportações e a internacionalização das empresas portuguesas.

Numa era em que os negócios são cada vez mais dependentes do financiamento exógeno, a COSEC assume um papel imprescindível em toda a arquitectura do empréstimo bancário: é a seguradora líder em Portugal nos ramos do seguro de créditos e caução.

No *portfolio* de actuação da COSEC encontram-se as soluções para Apoio à Gestão e Controlo de Créditos, as Garantias de Seguro Caução, sendo esta instituição igualmente responsável – por conta do Estado português – pela cobertura e gestão dos riscos de crédito, caução e investimento para países de risco político.

Os números da actividade desta empresa de capitais privados, que há 40 anos assegura o risco de incobráveis nas vendas a crédito, são impressionantes: 36,7 milhões de euros de prémios (em 2009); mais de dois mil clientes; cerca de 16 mil milhões de euros de transacções seguras em 2009 nos mercados internos e externos; mais de 475 mil

exportações nacionais) assume, conforme assinala Miguel Gomes da Costa, especificidades importantes: “Dada a sua forte implantação no tecido empresarial nacional, esta colaboração vem fortalecendo-se ao longo dos anos, tendo por objectivo o desenvolvimento das exportações de bens e serviços nacionais e da internacionalização das empresas portuguesas”.

O produto mais disponibilizado pela COSEC na sua relação com a CGD é o Seguro de Créditos Financeiros – ao exportador ou ao importador (saiba mais num gabinete Caixa Empresas). Gomes da Costa recorda que “além das operações de financiamento avulsas, pontualmente garantidas para diversos países,


A parceria entre a COSEC e a CGD tem como objectivo o DESENVOLVIMENTO DAS EXPORTAÇÕES de bens e serviços nacionais e a internacionalização das empresas portuguesas.

garantias em vigor; 12 700 decisões por mês; 240 mil empresas sob vigilância.

A parceria entre a COSEC e a CGD existe, praticamente, desde a fundação da seguradora e é “particularmente importante nas garantias aos financiamentos à exportação de bens de equipamento e serviços que têm subjacentes créditos de médio e longo prazos”, conforme refere Miguel Gomes da Costa, presidente da COSEC.

À Caixa Empresas, o principal responsável pela seguradora explicou como pode ser importante este tipo de sinergias, “em particular quando as exportações se destinam a países de risco político. Tendo em conta o prazo dilatado e o nível de risco dos países importadores, este tipo de coberturas beneficia, através da COSEC, da garantia do Estado português”.

Esta colaboração da COSEC com a CGD (extensiva às instituições de crédito que financiam as

existem ainda acordos concretizados entre as duas instituições através de linhas de crédito ou estabelecimento de *plafonds* de garantia (Angola, Cabo Verde, Marrocos, Rússia, República Dominicana, Venezuela e Argentina)”. Há, ainda, “um relacionamento importante” entre a COSEC e a CGD, ao nível das coberturas dos riscos comerciais de crédito, na cedência dos direitos de indemnizações das apólices COSEC e nas operações de *factoring*. A COSEC também tem tido um papel importante nas linhas PME Segura, por estar directamente relacionada com os mecanismos do Governo de apoio às empresas. Uma das soluções apresentadas no plano contra a crise é o apoio aos mecanismos de seguro de crédito. Desde 2009, a COSEC tem sido responsável pela gestão de diversas linhas de apoio ao seguro de crédito, garantidas pelo Estado, e que, no total, ascendem a três mil milhões de euros. 



Creativ Studio Heinemann/Gettyimages

Caixa: produção de energia

A CGD produz energia eléctrica em quase uma centena de agências. Através da instalação de painéis solares, reduz a factura de electricidade e produz energia limpa a partir de fonte renovável, reduzindo a emissão de CO₂.

A eficiência energética é uma vertente crucial na política de sustentabilidade da Caixa que, nesse contexto, lançou um vasto projecto de microgeração, através da instalação de painéis solares fotovoltaicos em 88 agências da rede CGD (até ao momento), assim convertidas em micro-produtoras de energia.

A instalação iniciou-se em 2009, com 68 agências. Numa segunda fase (primeiro trimestre deste ano), somaram-se mais dez e, até ao final do primeiro semestre de 2010, estão previstas outras dez. As agências estão localizadas de norte a sul do País, sendo seleccionadas em função de diversas condições específicas (orientação solar, disponibilidade de espaço adequado, abastecimento de energia e tipo de propriedade existente).

A totalidade dos sistemas já licenciados para as 88 agências implica a instalação de 1 620 painéis, ocupando uma área total de 2 615m², com uma potência global de 350 kW, que se traduzirá numa produção anual potencial de cerca de 520 mil kWh de energia, o suficiente para reduzir a emissão de CO₂ em 210 toneladas por ano, ou seja, o equivalente à capacidade anual de sequestro de 25 mil árvores.

Jorge Ferreira Guimarães, administrador do Sogruppo GI (Grupo CGD), explica a filosofia inerente a esta opção: “A eficiência energética reforça-se, de dia para dia, como um objectivo central da gestão imobiliária do Grupo CGD e há muito que foi transposto o enunciado das intenções e se avançou para as soluções concretas”. O responsável pela empresa que faz a gestão de imóveis do Grupo CGD sublinha que os objectivos desta instalação “têm um peso e uma importância efectivos que ultrapassam largamente o seu carácter simbólico, uma vez que a receita gerada pela venda da energia produzida pelas instalações de painéis fotovoltaicos à rede eléctrica nacional, traduz-se numa poupança muito significativa na factura energética das agências, a que acresce o facto de a microgeração produzir energia limpa a partir de fonte renovável, com a consequente redução de emissões de CO₂”.

A Caixa consegue, deste modo, ser uma referência de boas práticas, não só no sector financeiro como no contexto empresarial alargado, com um óbvio impacto – através do incentivo dado – nos seus *stakeholders*.

Produzir para poupar

A contabilização da energia produzida é feita através de um segundo contador, instalado pela EDP exclusivamente para o efeito. Depois, a EDP processa as facturas para todas as agências onde existe microgeração, contabilizando os totais de energia consumida e de energia produzida.

O valor da energia produzida (crédito) é pago de acordo com o valor estipulado no Decreto-Lei 363/2007, actualmente fixado em 0,65 euros por kWh, bastante superior ao do consumo. É este diferencial de valorização entre a energia consumida e produzida que permite que estes projectos sejam autosustentáveis do ponto de vista económico.



Figueira de Castelo Rodrigo



Cuba



Gouveia



Murça

Quanto aos ganhos conseguidos, Jorge Ferreira Guimarães refere que “os valores mensais têm sido variáveis e dependentes das condições atmosféricas, tendo-se atingido, em algumas agências, reduções de custos superiores a 50 por cento nos meses de Verão de 2009”. O balanço total aponta, no entanto, para “que a produção e consequente venda de energia à rede eléctrica nacional permita gerar uma receita de cerca de 260 mil euros anuais para o conjunto das 88 agências licenciadas, ou seja, aproximadamente 5 por cento dos custos da energia consumida na totalidade da rede comercial”. Mas os objectivos a longo-prazo “permitem aspirar a que, exclusivamente pela via da negociação de novos contratos, se possam vir a concretizar reduções de custos de cerca de 10 por cento anuais”, refere este responsável. ☺

Caixa Empresas Energias Renováveis

O futuro da Terra depende de todos nós e por isso a Caixa criou um conjunto de soluções destinadas a apoiar as empresas amigas do Ambiente que decidam investir na melhoria da eficiência energética, na utilização de energias renováveis e na micro-produção (solar, eólica e hídrica). Financiando até 100% do investimento total previsto, com taxas muito competitivas e prazos flexíveis até 12 anos, a Caixa dá-lhe condições para melhorar a sustentabilidade energética da sua Empresa, o que se traduz numa poupança efectiva e numa utilização mais conscienciosa dos recursos naturais. A solução Caixa Empresas Energias Renováveis disponibiliza-lhe ainda um conjunto de seguros, em condições vantajosas e adaptados a cada área de actividade. Contacte o seu Gestor, um Gabinete Caixa Empresas ou a sua Agência da Caixa. Saiba tudo em www.cgd.pt/empresas. A Caixa apoia a sua empresa e o Planeta agradece.

Caixa lidera ranking ACGE no sector financeiro

Depois de ter conquistado o primeiro lugar no Índice de Alterações Climáticas e Gestão de Empresas (ACGE) Sector Financeiro em 2009, a Caixa Geral de Depósitos prepara a renovação da sua candidatura a este ranking, organizado pela Euronatura. A resposta pró-activa ao desafio das alterações climáticas e de uma Economia restrita em carbono, são os vectores-chave de avaliação. Paralelamente, – e pela segunda vez consecutiva –, o estudo Marcas de Confiança do Reader's Digest reconheceu a Caixa como a marca bancária com maior número de iniciativas para a preservação do Planeta. Desde 2000 – e pelo décimo ano – que a CGD é apontada como uma das marcas de maior confiança à escala mundial.

Concentrado de qualidade

Estratégia empresarial e parceiros certos ajudaram a Biofun a afirmar-se no mercado internacional como produtora de concentrados de sumo. A PME Investe III foi decisiva para minorar os efeitos da crise.

A exacta percepção das potencialidades de um segmento de produto fez da Biofun um caso de sucesso e um exemplo de como o sentido estratégico é essencial para o êxito empresarial.

Quando pensaram em comprar o negócio, Marco Baptista e Miguel Madeira, sócios da Biofun, tiveram em conta os três aspectos fundamentais: o que comercializar, onde produzir e para onde vender.

A cada uma destas variáveis correspondiam oportunidades precisas. A fabricação de concentrados de sumos de frutos é um excelente complemento ao forte sector frutícola nacional, através de uma indústria agro-alimentar de primeira transformação que aproveita a matéria-prima não escoada no mercado de frescos. Por outro lado, em termos de localização, o concelho do Fundão, no coração

Os produtos da Biofun são 100% NATURAIS e nacionais, sem adição de conservantes ou açúcares e cumprem todos os requisitos da União Europeia.

da Cova da Beira, revelava-se uma das melhores regiões de produção frutícola (entre duas zonas de grande produção nacional). Em termos de destino final, o conhecimento de que os sumos concentrados constituem um mercado bastante apreciado a nível mundial.

A Biofun nasce em Setembro de 1996, no Fundão, dedicada à fabricação de concentrados de sumos de frutos, principalmente concentrados de sumo clarificado de maçã e pêra, a partir de matéria-prima 100 por cento portuguesa. Marco Baptista explica: "Escolhemos esta área de negócio pela oportunidade que representa. É um ramo praticamente único ao nível nacional, altamente especializado – o que dificulta também a entrada de competidores. Mas também pela própria matéria-prima, que nos permite atingir eficiências e rendibilidades acima do normal, com uma qua-

lidade e Excelência reconhecidas. A localização da empresa nesta zona do país garante-nos a centralidade na aquisição da matéria-prima."

Os produtos que a Biofun produz são cem por cento naturais, sem adição de quaisquer conservantes ou açúcares, cumprindo todos os requisitos exigidos pelo Código de Boas Práticas da União Europeia.

Entre os seus principais clientes, destacam-se as grandes indústrias de produção de cidra (ao nível europeu), de produção de sumos, de vinagre e de preparados de fruta (ao nível nacional e europeu). Actualmente, a Biofun possui uma infra-estrutura industrial com cerca de 4 000m² de área coberta e cerca de 100ha de terreno para produção agrícola – situados em Salgueiro, concelho do Fundão – e tem nos seu quadros 20 trabalhadores, atingindo os cerca de 35 no período do ano em que o fluxo de matéria-prima é maior. Para a administração da Biofun, "os trabalhadores são sem dúvida a 'espinha dorsal' da empresa, na medida em que muitos deles possuem uma experiência acumulada no sector de mais de vinte anos, aliada à forte formação e actualização de conhecimentos que a empresa lhes tem proporcionado ao longo do tempo".

A Biofun encontra-se actualmente a aumentar a sua capacidade de fabricação de novos concentrados de frutos, apostando fortemente em novas tecnologias, bem como no reforço do seu pessoal técnico e na certificação (Normas ISO 9001:2000 e ISO 22.000:2005). A empresa da Beira Baixa exporta, actualmente, cerca de 90 por cento da sua produção, com destaque para o Norte da Europa. Miguel Madeira salienta que "ao longo do seu

período de existência, a empresa tem apresentado um crescimento sustentado da actividade, actualmente com uma posição consolidada no mercado". Para este responsável, o segredo dos bons resultados "é uma forte aposta na qualidade dos produtos que concebe e comercializa, focando a sua actuação na plena satisfação dos seus clientes".

O aumento da qualidade da organização em todos os níveis e a actualização constante dos conhecimentos dos seus colaboradores são preocupações constantes da Biofun. Por isso, a empresa está a desenvolver um processo de diversificação de produtos, visando quebrar a sazonalidade decorrente do seu actual *core business* – maçã e pêra. A aposta na tecnologia e na inovação permite-lhe fabricar concentrados de sumos de fruta a partir de frutos com e sem caroço duro, assim como recuperar aromas de frutos utilizados.



Miguel Madeira e Marco Baptista, sócios e administradores da Biofun.

Solução Caixa QREN Empresas

As empresas que não conseguirem financiamento através da linha PME Investe V podem continuar a contar com a Caixa. A Solução Caixa QREN – Empresas é um pacote de produtos e serviços destinados às empresas que apresentem propostas no âmbito do QREN (com operações que a Caixa considere viáveis), designadamente o financiamento para as componentes do investimento não enquadráveis na PME Investe V, o adiantamento para a antecipação de incentivos, garantias e vales bancários, entre outros. Mais informações numa Agência ou gabinete Caixa Empresas.

Nova Linha BEI

A CGD finalizou a contratação com o Banco Europeu de Investimento (BEI) de uma nova linha de crédito, a Linha de Crédito BEI XV, para projectos de PME e outras entidades, como municípios e respectivas associações (em projectos específicos). Com este financiamento, os clientes da CGD beneficiam de condições mais favoráveis para a concretização de todos os projectos que se enquadrem nas diversas finalidades desta Linha BEI – com destaque para a mais recente: o fundo de maneiço a médio e longo prazo. Saiba mais numa Agência ou Gabinete Caixa Empresas.

Visite www.cgd.pt/empresas



A sua Agência CGD

Ir mais longe...

A Biofun dedica-se, há mais de uma década, à fabricação de concentrados de sumos de frutos naturais, que canaliza, maioritariamente, para o mercado externo.

Renasce com uma nova gerência, que assume a gestão em Março de 2008, acreditando ser possível ir mais longe. Consciente da mais-valia do seu produto, distinto em Portugal, definiu uma estratégia, demonstrativa da visão de futuro da "nova" empresa: comprar a melhor matéria-prima, vital para a qualidade do produto; apostar na fabricação de concentrados de sumos e recuperação dos seus aromas; melhorar a eficiência e organização interna; implementar um sistema de qualidade e segurança alimentar.

Com isto, estariam reunidas as condições para diversificar a oferta, desenvolvendo novos produtos e expandindo para novos mercados, com vista ao acréscimo de rentabilidade.

O projecto de desenvolvimento exigia uma parceria financeira. A Caixa acreditou!

O investimento concretizou-se com recurso às linhas de crédito PME Investe, permitindo a expansão para novos mercados de forma sustentável.

E a Biofun foi e quer ir ainda mais longe. O concentrado de maçã foi complementado com a pêra, com os frutos de caroço duro e, recentemente, com os frutos vermelhos. À Inglaterra, juntam-se novos mercados de destino: Alemanha, França e Espanha, criando oportunidades ao nível do negócio ibérico e internacional.

A actual relação de parceria é o reflexo da solução – abrangente e proactiva – apresentada pela Caixa, que se torna, num ano, o primeiro Banco da empresa: com apoio ao investimento e à exportação, à gestão de tesouraria, aplicações financeiras constituídas, oferta de canais electrónicos, disponibilização de cartões de crédito, oferta de seguros – PPR's, seguros de saúde e de vida.

Mais do que satisfazer, a Caixa antecipa necessidades e oportunidades. Mais do que acompanhar, a Caixa interioriza a empresa e o seu negócio.

Com este foco no cliente, a CGD responde às suas expectativas com soluções personalizadas, sendo o parceiro de confiança das PME que, mais do que o presente, visionam o futuro!

Bárbara Diogo,
Gabinete de Empresas de Castelo Branco

Parceira decisiva

A Biofun é cliente da CGD desde 1999, sendo esta instituição bancária o principal parceiro da empresa nos últimos anos. "A CGD com o apoio prestado, através do Serviço Caixa Empresas em Castelo Branco, tem sido decisiva para o sucesso do negócio. A rapidez de decisão, aliada a uma comunicação eficaz, capaz de entender a realidade da empresa, faz com que a nossa relação com a CGD seja bastante profícua", explica Marco Baptista. Como em 2008, quando a actual administração empreendeu um MBO (*Management Buy Out*) que encontrou receptividade na Caixa, do qual resultou uma evolução ao nível tecnológico e organizacional. O processo de candidatura à Linha PME Investe III (coroadado de êxito em Abril de 2009) foi o outro momento marcante deste relacionamento: "A CGD teve um papel decisivo na aprovação deste apoio, pelo diálogo franco e aberto que sempre tivemos, a par do grande profissionalismo dos gestores do gabinete", recorda um dos dois administradores da Biofun. Esta Linha

permitiu, em plena crise dos mercados internacionais, suprir as dificuldades desse momento, designadamente através do fundo de maneo, que "viabilizou a continuidade dos investimentos em curso e fez face aos compromissos com os fornecedores".

Em termos de produtos e serviços concretos da CGD, a administração da Biofun refere que a Caixa tem sido o parceiro decisivo na forte aposta que a empresa tem realizado no mercado espanhol, "através da importância do produto financeiro disponibilizado, permitindo assim o aumento do envolvimento com maior segurança". A administração realça ainda a utilidade "das ferramentas de trabalho diário como o Caixa *e-banking* [em <https://caixabanking.cgd.pt>]", que facilitam as transferências e a redução de custos; as aplicações financeiras de médio e longo prazos e, ainda, "todo o apoio concedido" no curto prazo e em situações pontuais. Marco Baptista resume esta parceria como "duradoura, próxima e de confiança".



Arquivo Expansão

Angola: destino de investimento

Mais do que um bom mercado para exportar, Angola é o destino indicado para investir. O líder do Banco do Grupo Caixa em Angola aponta as oportunidades e alerta para os riscos de uma nação a crescer.

Angola é hoje um dos mais expressivos parceiros económicos de Portugal. Ciente da importância deste mercado e das afinidades culturais dos dois países, o Grupo Caixa – através do Banco Caixa Geral Totta Angola (BCT) – vem desenvolvendo as melhores soluções para a concretização de negócios bilaterais, como sejam o investimento e as exportações portuguesas para Angola. Daniel Chambel, presidente da Comissão Executiva do BCT, ressalva o interesse de uma presença “sustentável e de qualidade naquele país” encarando “o investimento com valor efectivo para o país e para os angolanos” e enumera algumas das múltiplas oportunidades que agora se abrem. Desde logo, as previsões de crescimento do FMI para 2010 – na ordem dos 7,1 por cento –, assim como “o grande empenho do governo angolano em aumentar o contributo do sector não petrolífero para o PIB; o potencial crescimento dos sectores primário e secundário; as oportunidades para a indústria portuguesa; o forte investimento público e privado no sector agrícola e das pescas; o facto de o comércio ser o segundo sector mais produtivo do país; os fortes níveis de crescimento no sector da construção (face a projectos como o de



Agência em Lukoki

reconstrução nacional e de recuperação de infra-estruturas, ou o Programa Nacional de Urbanismo e Habitação 2009-2010 – Programa Um Milhão de Casas) e respectivos níveis de rentabilidade da indústria dos materiais de construção; e, ainda, as oportunidades em sectores como o turismo, a energia e as telecomunicações”. Daniel Chambel reitera ser redutor “encarar este mercado apenas para a vertente exportadora”. E prossegue, “Angola continua a ser o segundo país da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC) mais beneficiado com investimento directo estrangeiro, tendo no ano de 2008 assistido a um aumento de 58 por cento deste índice, com um total de 15 548 milhões de dólares e, portanto, é encarado internacionalmente como um mercado de oportunidades reais”. O gestor remata, “Angola é um mercado fantástico para acolher os empresários portugueses”. Contudo, há cautelas a salvaguardar, nomeadamente tendo em conta os

riscos inerentes aos “fortes custos operacionais, às dificuldades burocráticas para o estabelecimento de empresas nacionais, com particular atenção para os custos de oportunidade entre a aproximação ao mercado e o efectivo início da actividade”. Com um papel de charneira nos negócios entre Angola, Brasil, China e Portugal a que, este responsável recorda, “muitos chamam de polígono virtuoso”, o BCT tem um posicionamento consistente que Daniel Chambel sintetiza: “assumimo-nos essencialmente vocacionados para o negócio das grandes e médias empresas, capazes de estruturar operações únicas e complexas” ao que acrescenta, “a abertura de novos balcões – prevista para Luanda e também para as restantes 17 capitais de província de Angola – constituirá uma forte aposta na aproximação ao mercado, privilegiando a banca de relação personalizada que constituirá, seguramente, uma marca distintiva do Grupo CGD no mercado angolano”. ☺

AGENDA 2010

Jun.
08 . Porto

A Caixa na Alfândega



Concerto gratuito inserido no âmbito do Projecto Orquestras CGD, em parceria com a Orquestra do Norte. No Edifício da Alfândega do Porto, pelas 21h30, a Orquestra do Norte, dirigida por José Ferreira Lobo (Maestro), acompanha Inês Soares (soprano) e Carlos Guilherme (tenor).

Até 25 . Porto

Exposição: Cornelius Cardew e a Liberdade da Escuta

Culturgest (Porto)

Contacto: 22 209 81 16 (Porto);

21 790 51 55 (Lisboa); culturgest.bilheteira@cgd.pt

Ciclo de Conferências - Empreender na Internacionalização

Ciclo de eventos com o apoio da Caixa, a decorrer até Novembro deste ano em vários pontos do País.

Próximas datas:

• **17 de Junho, em Braga** (presença confirmada de Basílio Horta e Henrique Cayatte)

• **1 de Julho, em Santarém**



Jul.

Festival das Artes 2010 da Fundação Inês de Castro

A decorrer entre os dias 17 de Julho e 1 de Agosto, no Hotel Quinta das Lágrimas, em Coimbra, a 2.ª edição do festival tem como tema Águas Infundas, sobre o qual várias formas de expressão artística se irão debruçar, desde a música, ao teatro, fotografia ou mesmo a gastronomia. Em destaque:

• **23 Julho, 21h:** Tempestades e Bonanças – a Orquestra Gulbenkian interpreta Sibelius, Chausson e Beethoven.

• **29 Julho, 20h:** Ciclo Gastronómico com concepção da *chef* Ana Moura e com Joachim Koerper como ajudante (*Grand Chef Relais & Chateaux* e 1 estrela Michelin no restaurante Eleven).

21 . Lisboa



Conferência: Corpo e Política ou a Arte de Estar com Pessoas e Lugares

Culturgest (Lisboa)

– Pequeno Auditório às 18h

Contacto: 21 790 51 55; culturgest.bilheteira@cgd.pt

Caixa Empresas

O serviço Caixa Empresas está disponível em:

Rede de Agências

Aveiro
Anadia
Aveiro
Avenida – Aveiro
Espinho
Eugénio Rib. – Águeda
Feira
Fiães
Mealhada

Beja
Beja
Odemira

Braga
Barcelinhos
Barcelos
Calendário
Central – Braga
Espoude
Guimarães
Povodém
Vila Nova de Famalicão
Vizela

Bragança
Bragança

Castelo Branco
Castelo Branco
Covilhã
Fundão
Sertã

Coimbra
Cantanhede
Central – Coimbra
Figueira da Foz
Oliveira do Hospital

Évora
Estremoz
Évora
Vila Viçosa

Faro
Arealas de S. João – Oura
Faro
Lagos
Loulé
Portimão
Tavira
Vila Real de Santo António

Guarda
Guarda

Leiria
Alcobaga
Batalha
Caldas da Rainha
Leiria
Marinha Grande
Peniche

Lisboa
Algés
Almirante Reis
Alvalade
Amoreiras
Avenida da República
Benfica
Calhariz
Cascais
Central – Amadora
Central de Sintra
Central – Rua do Ouro
Central – Sede
Loures
Moscardave
Odivelas
Oeiras
Parede
Pêro Pinheiro
Portela – Sacavém
Torres Vedras
Vila Franca de Xira

Portalegre
Elvas
Ponte de Sor
Portalegre

Porto
Castelo da Maia
Central do Porto
D. Pedro V – Trofa
Ermasinde
Felgueiras
Fernão Magalhães
Maia
Marco de Canaveses
Matosinhos Sul
Paços de Ferreira
Penafiel
Vila do Conde
Vila Meã
Vila Nova de Gaia

Santarém
Abrantes
Batalhoz – Certaxo
Benavente
Coruche
Ourém
Rio Maior
Santarém
Torres Novas

Setúbal
Alcácer do Sal
Almada
Barreiro
Costa da Caparica
Cova da Piedade
Santiago do Cacém
Seixal
Setúbal

Viana do Castelo
Barroselas
Ponte da Barca
Viana do Castelo

Vila Real
Chaves
Peso da Régua
Vila Real

Viseu
Lamego
Mangualde
Nelas
Tondela
Viseu

Açores
Ponta Delgada

Madeira
Funchal

Rede de Gabinetes

Aveiro
Águeda
Aveiro
Oliveira de Azeméis
Ovar

Braga
Braga
Guimarães
Vila Nova de Famalicão

Castelo Branco
Castelo Branco

Coimbra
Coimbra

Faro
Faro
Portimão

Guarda
Guarda

Leiria
Batalha
Caldas da Rainha
Leiria
Pombal

Lisboa
Algés
Amadora
Cascais
Lisboa – João XXI (Cab. I)
Lisboa – João XXI (Cab. II)
Lisboa – R. Ouro
Sintra
Torres Vedras
Vila Franca de Xira

Porto
Maia
Penafiel
Porto – Pç. D. João I
Porto – Av. França
Vila Nova de Gaia

Santarém
Santarém
Torres Novas

Setúbal
Almada
Setúbal

Viana do Castelo
Viana do Castelo

Vila Real
Vila Real

Viseu
Viseu

Açores
Ponta Delgada

Madeira
Funchal

Gestores Multi-agência

Aveiro
Águeda
Aida
Albergaria-a-Velha
Arouca
Branca
Cucujães
Esqueira
Ilhavo
Nogueira do Cravo
Oliveira de Azeméis
Oliveira do Bairro
Oia
S. Bernardo
S. João da Madeira
Sever do Vouga
Vagos
Vale de Cambra

Beja
Aljustrel
Almodôvar
Barrancos
Castro Verde
Ferreira do Alentejo
Moura
Serpa

Braga
Amares
Cabeceiras de Basto
Caldas das Taipas
Celeiros
Fafe
Lamações
Marinhense
Maximinos
Merelim
Mira Penha
Nogueira
Póvoas de Lanhoso
Prado
Santa Tecla
São António
São Vicente
São Victor
Terras de Bouro
Vieira do Minho
Vila Verde

Bragança
Alfândega da Fé
Carrizada de Ansiães
Macedo de Cavaleiros
Miranda do Douro
Mirandela
Nogadouro
Sá Carneiro – Bragança
Vale d'Álvoro – Bragança
Vila Flor
Vimioso
Vinhais

Castelo Branco
Alcains
Amato Lusitano
Boa Esperança
Idanha-a-Nova
Mação
Oleiros
Penamacor
Pronça-a-Nova
Quinta das Palmeiras
S. Tiago
Vila Velha de Ródão

Coimbra
Arazede
Bairro Novo
Buarcos
Condeixa-a-Nova
Fobres
Lousã
Mira
Miranda do Corvo
Montemor-o-Velho
Paíão
Penela
Soure
Tocha
Vila Nova de Poiares

Évora
Alandroal
Arraiolos
Borba
Évora – Município
Garcia Resende – Évora
Montemor-o-Novo
Mora
Portel
Qt.ª Moniz
Redondo
Reguengos de Monsaraz
Viana do Alentejo

Faro
Albufeira
Alcoutim
Aljezur
Almançil
Armação de Pêra
Baixa – Albufeira
Castro Marim
Gambelas
Lagoa – Algarve
Mercado – Vila Real Sto. Ant.ª
Monte Gordo
Monchique
Olhão
Penha – Faro
Quarteira
S. Brás de Alportel
S. Luís
Silves
Vilamoura

Guarda
Celorico da Beira
Lg. João Almeida – Guarda
Pinhel
Sabugal
Seia
Sernacelhe
Vilar Formoso

Leiria
Atougua da Baleia
Bairro Azul – Caldas da Rainha
Barracão
Benedita
Bombarral
Caranguejeira
Gândara dos Olivais
Fátima
Fonte Nova – Pombal
Lourçal
Maceira
Marquês de Pombal – Leiria
Monte Redondo
Nazaré
Óbidos
Pombal
Porto de Mós
Pousos
Pç. República – Caldas da Rainha
S. Mamede

Lisboa
Abrigada
Alcabideche
Alcântara
Alenquer
Alfama
Alto da Barra – Oeiras
Alverca do Ribatejo
Alvide
Anjos
Aresio
Arruda dos Vinhos
Assembleia da República
Av. 5 de Outubro
Av. da Liberdade
Belém
Bobadela
Cacém
Cadaval
Campo Grande
Campo de Ourique
Cais do Sodré
Carcavelos
Carnaxide
Carregado
CascaisShopping
Castilho I
Chiado
Columbano
Conde Valbom
Desterro
Erciara
Estoril
Fontes Pereira de Melo
Graça
ISEL
Jardins da Pareda
Linda-a-Velha
Lourinhã
Lumiar
Mafra
Malvarosa
Malveira
Massamá
Massamá Norte
Mem Martins
Merxeana
Miraflores
Morais Soares
Nova Oeiras
Oeiras Fórum
Otaíes
Olivais
Paço de Arcos
Pç. da Alegria
Pç. do Comércio
Príncipe Real
Prior Velho
Queijas
Queluz
Queluz Ocidental
Qta. dos Inglesinhos
Quinta de S. José – Sacavém
Rato
Restauradores
Rio de Mouro – Cacém
Rossio
Sacavém
Parque – Lumiar
Sto. Amaro
Santos
S. Carlos – Mem Martins
S. Domingos de Benfica
S. João do Estoril
Sarrixa de Carvalho
Sobral de Monte Agraço
Sobreiro Curvo
Taguspark
Telheiras
Terrugem
Vialonga
Vila Franca de Xira – Jardim
Xabregas

Viana do Castelo
Arcos de Valdevez
Caminha
Melgão
Monção
S. Vicente – Viana
Senhora da Agonia
Valeença
Vila Nova de Cerveira

Vila Real
Alves Rogadas
Botiças
Cerva
Mondim de Basto
Murça
Pedras Salgadas
Ribeira de Pena
Vilpaços
Vila Pouca de Aguiar

Viseu
Alijó
Armamar
Castro Daire
Expobeiras
Mesão Frio
Moimenta da Beira
Penalva do Castelo
Resende
Sta. Marta de Penaguião
S. João da Pesqueira
S. Mateus
Tarouca
Vila Nova de Paiva

Açores
Angra do Heroísmo
Angra – Avenidas
Calheta – S. Jorge
Corvo
D. João III
Fajã de Cima
Horta
Lajes das Flores
Lajes do Pico
Lagoa – S. Miguel
Madalena – Pico
Nordeste
Parque – Atlântico
Povoação
Praia da Vitória
Ribeira Grande
S. Roque – Pico
Sta. Cruz – Flores
Sta. Cruz da Graciosa
Velas – S. Jorge
Vila Franca do Campo
Vila do Porto

Madeira
Calheta
Camacha
Câmara de Lobos
Canico
Fórum
Jaime Moniz
Lido – Funchal
Machico
Madalenas
Nazaré – Funchal
Ponta do Sol
Porto Santo
Ribeira Brava
Sta. Cruz – Madeira
Santana
S. Vicente – Madeira

Porto
Águas Santas
Alameda das Antas
Alto Maia
Arozeiro
Arozeiro – Barcelos
Arosoa
Avenida – Rio Tinto
A Ver-o-Mar
Avintes
Campo Alegre
Canelas – Gaia
Carvalhos
Candomar
Framunde
Freixirol
Fontainhas – Póvoa Varzim
Gonçalo Cristóvão
Condómar
Grijó
Leça da Palmeira
Lordelo
Lordelo do Ouro
Lixa
Lousada
Matosinhos
Olival
Oliveira do Douro
Parque S. João
Pedras Rubras
Perafita
Póvoa de Varzim
Póvoa – Praia
Rio Tinto
S. Cosme
S. Mamede de Infesta
S. Roque da Lameira
Soares dos Reis
Vila Beatriz
Valbom
Vermolim – Maia
Vila das Aves

Santarém
Tomar
Entroncamento
Torres Novas – Sta. Maria
Norton de Matos – Tomar

Setúbal
Amora
Alcácer do Sal
Alcochete
Baixa da Banheira
Bonfim
Canha
Charneca da Caparica
Colos
Combatentes
Corroios
Cruz de Pau
Faralhão
Grândola
Joaquim de Almeida
Lavrado
Loja do Cidadão
Molta
Montijo
Palmela
Pinhal Novo
Pragal
Quinta do Conde
Quinta da Lomba
Santana – Sesimbra
S. João Baptista
Sesimbra
Sines
Sto. André
S. Sebastião
S. Julião
Torre da Marinha
Vendas Novas
Verdeira
Vila Nova de Mil Fontes

Viana do Castelo
Arcos de Valdevez
Caminha
Melgão
Monção
S. Vicente – Viana
Senhora da Agonia
Valeença
Vila Nova de Cerveira

Vila Real
Alves Rogadas
Botiças
Cerva
Mondim de Basto
Murça
Pedras Salgadas
Ribeira de Pena
Vilpaços
Vila Pouca de Aguiar

Viseu
Alijó
Armamar
Castro Daire
Expobeiras
Mesão Frio
Moimenta da Beira
Penalva do Castelo
Resende
Sta. Marta de Penaguião
S. João da Pesqueira
S. Mateus
Tarouca
Vila Nova de Paiva

Açores
Angra do Heroísmo
Angra – Avenidas
Calheta – S. Jorge
Corvo
D. João III
Fajã de Cima
Horta
Lajes das Flores
Lajes do Pico
Lagoa – S. Miguel
Madalena – Pico
Nordeste
Parque – Atlântico
Povoação
Praia da Vitória
Ribeira Grande
S. Roque – Pico
Sta. Cruz – Flores
Sta. Cruz da Graciosa
Velas – S. Jorge
Vila Franca do Campo
Vila do Porto

Madeira
Calheta
Camacha
Câmara de Lobos
Canico
Fórum
Jaime Moniz
Lido – Funchal
Machico
Madalenas
Nazaré – Funchal
Ponta do Sol
Porto Santo
Ribeira Brava
Sta. Cruz – Madeira
Santana
S. Vicente – Madeira

Para mais informações: www.cgd.pt/empresas
707 24 24 77

Caixa Empresas

PME Investe V

CAIXA - PARCEIRO DE CONFIANÇA DAS PME.

PME INVESTE V: MAIS UMA RAZÃO PARA ESCOLHER A CAIXA COMO 1º BANCO.

- **Taxas de Juro bonificadas:** A Caixa participa na Linha de Crédito PME Investe V que prevê taxas de juro bonificadas e prazos alargados:
 - **Linha Micro e Pequenas Empresas** - Euribor a 3 meses + 0,75%*, com uma TAN mínima de 1,5% e prazos até 4 anos;
 - **Linha Geral** - Euribor a 3 meses + 1,75%***, com uma TAN mínima de 1,5% e prazos até 6 anos;
- **Solução Caixa QREN** para:
 - **Crédito complementar à linha PME Investe** - financiamento das componentes não enquadráveis, nomeadamente aquisição de terrenos, imóveis, viaturas e bens em estado de uso, com taxas competitivas;
 - **Apoio a projectos candidatos aos sistemas de incentivos "Investigação e Desenvolvimento", "Qualificação PME" e "Inovação"**, designadamente financiamento complementar, garantias bancárias, declarações de aprovação ou de intenção de financiamento e adiantamentos para participação da libertação de incentivos.
- **Oferta Caixa PME Líder** distintiva com novos produtos e condições especiais para PME Líder, nas vertentes de crédito e de remuneração de excedentes de tesouraria.

Linhas de Crédito PME Investe, o apoio do Finova às empresas.
Fundo gerido pela PME Investimentos.

Para mais informações contacte o seu Gestor, Agência ou Gabinete Caixa Empresas.

www.cgd.pt/empresas

707 24 24 77

(8:00h às 22:00h / Todos os dias do ano.)

 Caixa Geral de Depósitos

*TAE de 1,511%, calculada com base na Euribor a 3 Meses^(a) + spread 0,75%, com taxa anual nominal mínima de 1,5%, em Abril de 2010, para uma operação de €25.000, pelo prazo de 4 anos (com prestações de capital constantes, acrescidas de juros, pagos trimestral e postecipadamente), sem despesas.

^(a) Taxa correspondente à média aritmética simples das taxas Euribor 3M, apurada com referência ao mês imediatamente anterior ao do início de cada período de contagem de juros, arredondada para a milésima de ponto percentual mais próxima, na base 360.

**TAE de 2,423%, calculada com base na Euribor a 3 Meses^(a) + spread 1,75%, com taxa anual nominal mínima de 1,5%, em Abril de 2010, para uma operação de €1.000.000, pelo prazo de 6 anos (com prestações de capital constantes, acrescidas de juros, pagos trimestral e postecipadamente), sem despesas.

^(a) Taxa correspondente à média aritmética simples das taxas Euribor 3M, apurada com referência ao mês imediatamente anterior ao do início de cada período de contagem de juros, arredondada para a milésima de ponto percentual mais próxima, na base 360.